

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA

**Relatório Final de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada:**

**Desporto Escolar: Qual a Motivação dos Alunos do Distrito do Porto
Para a Prática da Modalidade de Atletismo?**

Dissertação realizada no âmbito do 2º
Ano de Mestrado do Curso de Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário, ao abrigo dos Decreto-Lei nº
74/2006 de 24 de Março e Decreto-Lei nº
43/2007 de 22 de Fevereiro.

Orientador: Doutor Nuno Teixeira

Realizador por: Ricardo Jorge dos Santos Alves

Maia, Julho de 2014

Alves, A. (2014). *Desporto Escolar: Qual a motivação dos alunos do distrito do Porto para a prática da modalidade de atletismo?* (Mestrado), ISMAI, Maia, Porto, Portugal.

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, policopiado apresentado ao Instituto Superior da Maia.

Palavras-chave: DESPORTO ESCOLAR, MOTIVAÇÃO, ATLETISMO.

AGRADECIMENTOS

Por este percurso académico, tive o prazer de aprender e conviver com variadas pessoas que foram cultivando em mim algumas sementes de conhecimento. Ao referi-las aqui, procuro demonstrar todo o reconhecimento e gratidão que tenho por elas.

Prof. Francisco Silva, meu professor cooperante, meu mestre, meu amigo, que não se limitou a transmitir/orientar o que é ser professor, mas transmitiu um conjunto de normas, de saber ser e saber estar que me permite encarar o resto do meu percurso com otimismo e vontade de continuar a aprender.

Ao Professor Doutor Nuno Teixeira, meu supervisor, por tudo aquilo que me ensinou, pela ajuda e por toda a pronta disponibilidade que sempre demonstrou;

Ao Instituto Superior da Maia, que me forneceu os conhecimentos básicos para a minha formação como Professor de Educação Física

Aos alunos do Desporto Escolar, pela disponibilidade na elaboração dos inquéritos;

Aos meus colegas Ariana Dias e David Cavadas por partilharmos toda esta etapa em conjunto e por nos termos tornado, em conjunto com o Prof. Francisco uma família;

Ao Grupo de Educação Física da Escola Secundária Augusto Gomes, restantes professores da escola e auxiliares, por toda a amizade, simpatia, integração, disponibilidade e conhecimentos prestados;

Por último e não menos importante, aos meus pais e namorada, pois sem a motivação e ajuda deles, eu hoje não estaria aqui. Por me terem incutido valores que me estimulassem a lutar por tudo aquilo que ambiciono, e nunca desistir ao primeiro contra tempo. Obrigado por tudo.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

ÍNDICE

RELATÓRIO CRÍTICO

Introdução	11
1 Organização e Gestão do Processo de Ensino-Aprendizagem	12
1.1 Conceção	13
1.2 Planeamento	14
1.3 Realização	16
1.4 Avaliação.....	19
2 Participação na Escola	20
2.1 Direção de turma, desporto escolar e projetos.....	20
2.2 Plano de atividades	22
2.2.1 Unidades Didáticas.....	22
3 Relação com a comunidade	23
3.1 Grupo de Estágio	24
3.2 Grupo de Educação Física.....	25
3.3 Corpo Docente não Docente.....	25
3.4 Auxiliares da Ação Educativa.....	26
3.5 Alunos	26
4 Desenvolvimento Profissional	28
Conclusões	29

RELATÓRIO CIENTÍFICO

RESUMO

ABSTRACT

RESUMÉ

Introdução	6
2 Motivação para a prática do desporto escolar	9
2.1. Motivos para a prática do desporto escolar	11
3 Material e métodos	12
4 Caraterização	12
5 Procedimentos Estatísticos.....	13
6 Procedimento Metodológicos.....	13
7 Apresentação e Discussão de resultados.....	14
Conclusões	21
Referências.....	23

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Equipa de Voleibol Feminina ESAG	21
Figura 2 – Equipa de Futsal Masculina ESAG	21
Figura 3 – Equipa de Futsal Feminina ESAG	21
Figura 4 – Equipa de Atletismo Masculina ESAG	21
Figura 5 – Núcleo de Estágio 2013/2014 ESAG	24
Figura 6 – Turma 12ºE (1º Período)	28
Figura 7 – Turma 10ºF (2º Período)	28
Figura 8 – Turma 12ºB (3º Período)	28
Figura 9 – Turma 11ºL (Anual)	28

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Idade dos praticantes	14
Tabela 2 - Ano de Escolaridade dos praticantes	15
Tabela 3 - Alunos praticantes de desporto federado	15
Tabela 4 - Duração dos treinos do desporto federado	16
Tabela 5 - Alunos praticantes de atividade física diária	17
Tabela 6 - Duração da prática de atividade física	17
Tabela 7 - Itens mais valorizados.....	18
Tabela 8 - Itens menos valorizados.....	18
Tabela 9 - Itens mais valorizados pelo sexo feminino	19
Tabela 10 - Item mais valorizados pelo sexo masculino	19
Tabela 11 - Itens menos valorizados pelo sexo feminino	20
Tabela 12 - Item menos valorizados pelo sexo masculino	20

RELATÓRIO CRÍTICO

INTRODUÇÃO

No âmbito dos requisitos de carácter obrigatório e conclusivo, o relatório crítico assume uma função reflexiva da componente prática exercida ao longo do segundo ano de Mestrado em Ciências da Educação Física e Desporto – Especialidade em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia. Este relatório refere-se ao ano de 2013/2014, inferindo um retrato e uma análise reflexiva de todas as atividades realizadas e experiências vivenciadas no seio escolar ao longo de todo o ano letivo presente.

Este documento traduz uma auto reflexão crítica sobre todo um trabalho desenvolvido ao longo do ano permitindo assim uma consciencialização de todos os aspetos envolventes a este ano de estágio e que marcaram de certa forma todo este processo de formação pedagógica individual, como o meu desempenho em todas as atividades, na lecionação das aulas (progressões e estratégias pedagógicas, erros cometidos que servirão como base para futuras correções) e sobre a minha evolução ao longo do ano letivos, no papel de Professor Estagiário.

Este papel, última etapa da formação inicial de professores, marca o processo de formação da profissão docente proporcionando experiência e consequente evolução na prática de ensino.

Assim, este relatório torna-se numa compilação de toda a minha experiência vivida ao longo deste ano letivo. Deste modo, tentarei realizar uma retrospectiva sobre as atividades desenvolvidas no decurso do ano letivo 2013/2014, descrevendo e refletindo os factos mais relevantes vivenciados na Escola Secundária Augusto Gomes com toda a comunidade escolar.

1 ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Esta área será dedicada a uma auto reflexão da minha prestação individual a nível da planificação, condução e avaliação do ensino, bem como da observação pedagógica de colegas de estágio do grupo de Educação Física. O principal objetivo desta área de desempenho é a planificação, definição e construção de estratégias de intervenção orientada para o contexto aula e ato pedagógico de ensino, que objetivem um ensino pleno das diferentes áreas da Educação Física, tornando um processo de educação e formação eficaz e eficiente. É necessário adquirir o correto conhecimento e respeitar a especificidade da Educação Física para remar de encontro ao currículo do aluno, suas características e necessidades. Para isto é necessária a realização de tarefas complexas como conceção, planeamento, realização e avaliação.

Para um bom desenvolvimento e evolução como profissional de ensino e ato pedagógico, é necessária uma capacidade de auto reflexão e consciencialização do que foi feito e do que se irá fazer durante o processo de ensino. É necessário ter em consideração a complexidade das matérias, temas e problemas que possam surgir, que advém da área da Educação Física, todos os métodos, meios, palavras, ordens e atos, para assumir as melhores estratégias de maneira a “abraçar” os alunos às nossas aulas fazendo da prática de ensino um processo eficiente apresentando os resultados esperados.

As dificuldades sentidas não corresponderam na íntegra às previstas inicialmente, antes de ingressar verdadeiramente no Estágio Pedagógico.

Todos os dias nos deparamos com diferentes situações e problemas que exigiam soluções imediatas. Soluções e tomadas de decisão, com as quais não estávamos familiarizados e que, devido á total autonomia que nos foi dada, nos obrigou a ter que tomar, ter uma atitude, agir, contornar a situação da melhor maneira, fazendo-nos crescer e evoluir enquanto profissionais de ensino pertencentes a um núcleo, a uma comunidade escolar, a uma família.

Senti que as aprendizagens adquiridas ao longo deste ano de prática pedagógica me permitem encarar com um certo otimismo e confiança um futuro nesta profissão.

1.1 Conceção

Conceber o ensino é um processo complexo que aufere ao docente cuidados e responsabilidades acrescidas, “O professor só pode ensinar quando está disposto a aprender” (Janoi Mamedes, 2010).

O indicado processo implica uma análise profunda, compreensão e interpretação de todos os requisitos necessários a uma prática equilibrada que coloca cada aluno no centro de todo este processo.

Então, os alunos surgem como a chave de todo o ensino, sendo que o professor deverá estar consideravelmente próximo para acompanhar todos os passos da sua necessária formação.

Iniciou-se portanto a minha função de docente da disciplina de Educação Física que, conseqüentemente trouxe, um enorme volume de trabalho que iria desde a análise à realização de documentos fundamentais para uma conceção do ensino adequada ao contexto turma e escola, tornando desta forma o processo de ensino mais adequado e eficaz.

Em conjunto com os restantes elementos do Núcleo de Estágio procedemos a uma análise do meio envolvente onde iríamos lecionar. Para isto tivemos em consideração o nível social, cultural e afetivo dos alunos, pois consideramos fatores importantes para o desempenho e obtenção de respetivos resultados. Reconhecendo o ato educativo como um processo social e a escola como organização modeladora capaz de promover mudanças, elaboramos um documento denominado por “Caraterização da Escola” e realizamos uma caracterização das turmas. Estes documentos mostraram-se fundamentais para uma adequação do programa à realidade com a qual nos deparamos. A “Caraterização da Escola” reunia as características mais relevantes da mesma, segundo o ponto de vista de um professor com uma necessidade de integração no meio escolar. Esta análise proporcionou a nossa

integração no meio escolar facilitando uma compreensão e noção da realidade com que nos deparávamos.

Uma segunda fase passou pela análise e interpretação de inquéritos fornecidos aos alunos (Ficha de Caracterização Individual) que permitiu a recolha de dados fundamentais para conhecermos os alunos que iriam percorrer esta etapa do nosso lado. Foram abordadas questões relacionadas com vivências escolares, familiares, hábitos desportivos, alimentares, passado académico, entre outros.

A aquisição de um conhecimento profundo da realidade social e escolar destes alunos permitiu ter em conta, nas etapas de conceção e planificação os objetivos pedagógicos de ensino que se assentam nos domínios psicomotor, sócio afetivo e cognitivo.

Em relação ao domínio psicomotor, tivemos sempre em atenção o nível dos alunos na execução dos exercícios inseridos nas diferentes modalidades. Assim foi permitia-nos uma adaptação dos diferentes exercícios tendo sempre em consideração as necessidades gerais e específicas dos alunos.

Procuramos, em relação ao domínio sócio afetivo, adaptar exercícios de modo a promover um espírito de grupo, coesão e cooperação mutua entre os alunos. Promover uma atitude de respeito e compreensão promovendo um bom desenvolvimento e ambiente da aula, e conseqüente obtenção dos resultados esperados.

Já no que concerne ao domínio cognitivo, associamos a teoria à prática, com a transmissão de conhecimentos ao longo do decorrer das aulas, promovendo aprendizagens essenciais à disciplina. Este domínio foi avaliado através da realização de testes escritos e trabalhos acerca das modalidades abordadas nas aulas.

1.2 Planeamento

Nesta fase definimos e organizamos as ações a realizar, procurando antecipar os resultados. Assim, considera-se o planeamento como o desenho

da sequência apropriada para a aprendizagem dos alunos, estruturada através da definição dos objetivos a pretendidos.

No que diz respeito à planificação, é de salientar a sua importância na construção lógica de um processo de ensino adequado e específico às diferentes turmas a implementar. Assume a orientação num processo de ensino-aprendizagem e permite a construção do conhecimento, aprofundado e alicerçado de forma consistente.

Primeiramente, o grupo de estágio realizou um levantamento de todo o material existente e as suas condições, ou seja, um inventário de todo o material desportivo que estava disponível para a prática da Educação Física.

De seguida, interpretamos os planos curriculares e os programas de Educação Física, nomeadamente no que concerne à aquisição de competências por parte dos alunos e de forma a adequar e aplicar as finalidades, os objetivos, os conteúdos e as indicações metodológicas.

O plano anual foi definido no início do ano letivo, numa reunião com a presença de todos os professores em que ficou decidido quais as atividades a realizar e a sua data. No entanto, devido à situação precária do pavilhão gimnodesportivo, a planificação anual ficou sujeita a alterações de datas, espaços e houve atividades que ficaram impossibilitadas de serem realizadas.

Inseridos no planeamento, o plano anual, as unidades didáticas a abordar e as aulas a lecionar, foram geridas e orientadas através do Modelo de Estrutura de Conhecimentos (MEC) proposto por Vickers.

Para a realização do planeamento, o Núcleo de Estágio, elaborou uma ficha de caracterização individual que foi entregue a cada aluno das nossas turmas para preencher na aula de apresentação, que serviu para ficar com uma ideia mais estruturada acerca dos alunos. Após o preenchimento das mesmas, e através dos dados obtidos, foi realizada uma caracterização de cada turma, através de uma análise descritiva, de forma a podermos verificar quais as preferências e dificuldades dos alunos, assim como as experiências desportivas que estes possuem, possíveis doenças ou problemas de saúde, etc. Esta caracterização poderá ser útil para cada um de nós, visto que através dela é possível perceber quais poderão ser os motivos para determinadas

atitudes, e assim possibilitar uma maior proximidade com os alunos, contribuindo para uma relação positiva entre professor-aluno.

1.3 Realização

Para este ato pedagógico se dar de forma plena foi importante uma reflexão exaustiva que tinha lugar aula após aula ao longo de todo o ano letivo. Esta reflexão teve presente como autores de discussão, o núcleo de estágio e respetivo orientador, que de forma educativa e construtiva analisavam as aulas que lecionava, sem nunca as criticar, mas sim sugerir/orientar outras técnicas que poderiam ter melhores resultados. Com estas sucessivas reflexões, permitiu uma compreensão sobre os conteúdos transmitidos, ações e decisões tomadas durante as aulas descobrindo fraquezas e mudanças a realizar durante o processo de ensino.

No seio deste desenvolvimento enquanto professor, é de realçar o importante papel do Orientador. Sem nunca nos limitar, não impondo regras, e dando-nos espaço para aprendizagem e experiência através da prática e observação do erro, permitiu que traçasse-mos um caminho autónomo e com responsabilidade. Abracei esta oportunidade de errar e aprender refletindo, como sendo essencial para uma compreensão de todo um processo de ensino e das dificuldades que advêm do mesmo. Aprendi a justificar as estratégias utilizadas, os exercícios escolhidos, opções tomadas e a assumir o erro, considerando isso como uma tarefa importante para uma autonomia e para um futuro como docente.

A observação das aulas dos meus colegas de estágio e por vezes de colegas mais experientes do grupo de Educação Física também foi um fator bastante considerável nesta evolução, pois o confronto com diferentes abordagens das práticas desportivas, metodologias e estratégias deram-me a possibilidade de progredir e me reajustar contribuindo para uma melhoria do meu processo de ensino-aprendizagem.

Relativamente à relação com os alunos, tive alguma facilidade em ganhar a sua confiança e respeito, pois como ex aluno da Escola Secundária Augusto Gomes, muitos deles conheciam-me dos tempos de aluno. No entanto, foram capazes de perceber que agora tinha o papel de professor, que exige respeito e dedicação, mas que mantinha a abertura e a proximidade enquanto professor apenas uns anos mais velho do que eles.

Analisando as turmas que lecionei ao longo dos três períodos, posso afirmar que se trata de um grupo de alunos com as suas peculiaridades mas ao mesmo tempo cumpridores, respeitadores, acessíveis e competitivos. Com base nos padrões de comportamento observados nas diferentes turmas optei por diferentes estratégias e abordagens das diferentes temáticas de maneira a que a aula decorresse sempre com um clima favorável. Determinei de acordo com as especificidades de cada turma e cada elemento pertencente à mesma, normas e regras de funcionamento da aula a cumprir, e progressões dentro das modalidades que se adequassem aos mesmos. Assim consegui adequar a ação educativa às suas necessidades.

Ultrapassado o primeiro obstáculo de controlo da turma, voltei a minha atenção para os tempos de aula e à realização dos exercícios. Numa tentativa de rentabilizar melhor o tempo disponível para a aula de Educação Física criei estratégias que me permitiram um proveito superior do tempo. Estas estratégias passaram pela reorganização da estrutura da aula, transição de exercícios e progressão dos mesmos mantendo sempre um ritmo elevado e crescente ao longo da aula. As modalidades que apresentavam os maiores obstáculos em relação a este tema foram a Dança (pela sua complexidade) e o Atletismo (pela sua variedade de vertentes).

É também importante referenciar a presença de alguns alunos que, por dificuldades físicas ou por doença, não poderiam praticar atividade física. Na tentativa de envolver estes alunos nas atividades desenvolvidas na aula foi decidido, pelo grupo de Educação Física, a obrigatoriedade de realizar um relatório descritivo da aula bem como realizar algumas atividades de auxílio do professor.

Uma das maiores preocupações foi o manter da motivação e o empenho dos alunos ao longo das aulas. Para isso, verifiquei que teria de existir uma convergência entre aquilo que estava a transmitir e a forma como iria ser abordado. Desta forma tentei, ao longo do ano, promover a execução de exercícios de cariz competitivo, tentando corrigir estratégias que efetuei inicialmente e que não tiveram o maior sucesso na sua realização.

No capítulo da realização considero ter tido um grande desenvolvimento das minhas capacidades. O fato de ter estreitado bastante as relações com os alunos que constituíam as turmas (também graças ao contributo que tive no desporto escolar), senti-me cada vez mais integrado, e permitiu-me desta forma, conseguir estabelecer outros níveis de motivação nos alunos. Contudo, esta relação de “amizade” para além de propiciar momentos de boa disposição e de brincadeira, poderia também motivar comportamentos inadequados por parte dos alunos.

A diferenciação entre os alunos foi sempre tida em conta, tanto por questões motivacionais, e também para que os alunos não se sentissem prejudicados na sua evolução, implementando estratégias que promovessem trabalho por níveis.

O reconhecimento obtido pela aplicação de novos métodos foi gratificante, tal como igualmente gratificante foi verificar que a aula correu na perfeição e que os objetivos propostos foram cumpridos na íntegra, assim como os níveis de motivação dos alunos estarem catapultados para níveis elevados.

Para toda esta melhoria da minha parte, enquanto docente, a presença e orientação do professor Francisco Silva continuaram a ser um elemento de vital importância, apesar de ter verificado que estes deixaram de existir com tanta frequência com o decorrer do tempo, provavelmente pelo aprender com os erros anteriores.

1.4 Avaliação

Relativamente à avaliação pode-se inferir que é um processo de verificação de objetivos, onde os resultados finais são comparados a um modelo pré-estabelecido. Este processo é fulcral para percebermos a eficácia do ensino, pois consiste na observação e interpretação dos seus efeitos.

Ao longo do ano, a avaliação dos alunos foi então dividida em três partes:

- Avaliação Diagnóstica: a abordagem inicial a qualquer unidade didática, com o intuito de verificar em que nível de aprendizagem se encontrava cada aluno;
- Avaliação Formativa: resultou da observação e reflexão realizada ao longo das Unidades Didáticas. Esta avaliação distingue-se dos outros dois momentos, uma vez que é uma avaliação contínua.
- Avaliação Sumativa: realizada na última aula de cada unidade didática com o intuito de verificar se os objetivos foram alcançados ou não, e avaliar a evolução dos alunos comparando o seu nível com a avaliação inicial.

Como meios auxiliares de avaliação, elaboramos alguns instrumentos, como as grelhas construídas para o efeito. Para além destas tarefas, no final de cada período cada aluno teve de realizar um teste escrito, elaborado pelo Núcleo de Estágio, e um trabalho sobre uma das modalidades abordada nas aulas. Uma vez que a disciplina de Educação Física se encontrava numa situação limitada relativamente às aulas, em concordância com o Orientador decidimos realizar mais estes dois pontos de avaliação como forma de ajudar os alunos a possuírem mais elementos de avaliação.

Além disso, no final de cada período foi realizada uma autoavaliação pelos alunos, pois o Núcleo de Estágio considera fundamental a visão dos alunos sobre o seu próprio rendimento. Após as propostas de classificação dos alunos e a observação de todos os parâmetros traçados pelo Núcleo de Estágio, foi atribuída uma nota final individual.

2 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Com o desenrolar do tempo percebi que a escola é um sistema e que integra vários e diferentes órgãos em torno dos quais se desenvolvem atividades que servem de ponto de ligação entre os mesmos, fornecendo momentos de integração e comunicação.

De forma a promover uma integração na escola, o Professor Orientador, proporcionou-nos a realização e participação em atividades pertencentes à mesma.

Esta área tem como objetivo contribuir para o reforço do papel do professor de Educação Física na Escola, dando importância a esta disciplina de forma contextualizada, responsável e inovadora. No sentido de cumprir esse objetivo, é necessário promover uma série de atividades extracurriculares, inseridas no plano educativo do departamento curricular e do núcleo de estágio.

Com a colaboração dos meus colegas de Estágio e outros professores de Educação Física foi possível uma dinamização de atividades no contexto escolar. Apesar de serem atividades de contexto desportivo proporcionaram sempre um meio de integração na comunidade escolar sendo consideradas um importante instrumento de dinamização da escola. Proporcionaram também, aos estudantes, professores e funcionários, novas experiências, desenvolvendo o gosto pela atividade física e futura participação em atividades do gênero.

2.1. Direção de turma, desporto escolar e projetos

Numa procura de uma maior interação dos alunos com a escola e na tentativa de deixar a nossa marca como agentes dinamizadores pertencentes a um Núcleo de Estágio realizamos as seguintes atividades:

- Corta-Mato
- Torneio de Voleibol Gonçalves Zarco Feminino (2º Classificado) e Masculino (1º Classificado).

- Torneio Inter escolas com os seguintes resultados:
 - Voleibol Feminino (1º Classificado) e Masculino (4º Classificado) (Fig. 1);
 - Futsal Feminino (1º Classificado) (Fig. 3) e Masculino (2º Classificado) (Fig. 2);
 - Atletismo Feminino e Masculino (1º Classificado Coletivo) (Fig.4);
 - Basquetebol Feminino e Masculino (3º Classificados);
 - Badminton Feminino (5º Classificado) e Masculino (4º Classificado);
 - Andebol Feminino (6º Classificado) e Masculino (6º Classificado).
- Torneio Futebol de 5 Francisco Silva, torneio que foi organizado pela Associação de Estudantes, Associação de Pais, Direção da escola e pelo nosso grupo de Estágio em homenagem ao nosso orientador por todos os seus anos de serviço.



Figura 1 – Equipa de Voleibol Feminina ESAG



Figura 2 – Equipa de Futsal Masculina ESAG



Figura 3 – Equipa de Futsal Feminina ESAG



Figura 4 – Equipa de Atletismo Masculina ESAG

O desenvolver de todas estas atividades trouxe uma carga de trabalho considerável, bem como uma dedicação a nível pessoal, mas o qual me fez beneficiar de um crescimento das relações inter pessoais a nível não apenas do Núcleo de Estágio e Grupo de Educação Física, mas também com os demais professores, alunos e assistentes operacionais, promovendo assim uma excelente integração da minha parte na escola.

2.2. Plano de atividades

Para alcançarmos o sucesso, planejar, traçar metas e objetivos é uma competência fundamental para o Professor.

Nas primeiras reuniões com o Professor Francisco Silva, o Núcleo de Estágio elaborou o plano anual de atividades tendo por base a caracterização da escola e o programa da disciplina para perceber em que nível de competências específicas os alunos se encontravam, além dos documentos do departamento de Educação Física e do Desporto Escolar (roulement de instalações, divisão das matérias de ensino para os diferentes anos de escolaridade e calendarização das atividades da escola).

Após o planeamento anual, o grupo de estágio efetuou o momento seguinte da planificação, a organização das Unidades Didáticas e seus respetivos planos de aula.

2.2.1. Unidades Didáticas

“As unidades temáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”. (Bento, 1987)

O planeamento das Unidades Didáticas é uma etapa fundamental e imprescindível para uma adequada e correta consecução do processo ensino/aprendizagem. Este planeamento foi efetuado com base no nível inicial dos alunos, determinado através de uma avaliação diagnóstica em todas as

modalidades, tendo também em atenção o número de aulas previstas, o espaço e material disponível.

O planeamento das Unidades Didáticas, teve como base, o Modelo de Estrutura e Conhecimento proposto por Vickers.

3 RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Começo por falar sobre o professor Francisco Silva, Orientador de Estágio da Escola Secundária Augusto Gomes, no decurso deste ano destinado à minha formação como docente, revelou-se não só um líder na coordenação de todas as atividades realizadas pelo núcleo de estágio no presente ano, mas também e essencialmente um amigo, um exemplo a seguir. Dotado de um grande carisma, personalidade forte, e de uma alegria contagiante acompanhou, aconselhou, e orientou o nosso caminho de jovens Estagiários nesta viagem em “terreno desconhecido”. “Nascido para amar”, como dizia, defensor do “sorriso” e promotor da “felicidade” fez deste nosso percurso um caminho sem altos e baixos, caminhando connosco lado a lado, partilhando a sua experiência e juventude a cada passo. Absorvendo as suas palavras sábias e “bebendo” da sua experiência penso que consegui amadurecer e evoluir moldando-me às situações adversas que iam surgindo. Deu-nos autonomia para trabalhar, para descobrir e para experimentar. Penso que foi um fator crucial para aprender com os meus erros e fracassos, tornando-os mais tarde, através de uma auto análise e discussão em grupo, em sucessos. Desde o primeiro dia que mantivemos uma ótima relação, pautada por valores como honestidade, humildade e cumplicidade permitindo assim o decorrer de um ano sem complicações e problemas. Creio que o professor orientador “Chico”, teve um papel fundamental na construção do meu “eu”, docente, dando-me todas as ferramentas para tornar o meu ato pedagógico um ato ensino de excelência. Foi imagem de um “bom professor” á qual, com a sua ajuda, eu me tentei assemelhar.

Tido conhecimento do responsável pela supervisão do meu estágio e reconhecendo-o como tendo um papel fulcral tanto como interveniente e elo

entre a ESAG e ISMAI, como pelo papel de orientador da vertente científica referente a minha formação, o Professor Doutor Nuno Teixeira, desde o momento datado pelo início do ano letivo, acompanhou-nos manifestando em todo o processo de estágio disponibilidade e vontade para ajudar no que fosse necessário. Sendo um ano de introdução de uma vertente científica e sua aplicação, teve um papel fundamental no desenvolver do trabalho científico característico do último ano de Mestrado e final de Estágio. Apesar de, com alguma dificuldade, superamos todos os problemas e adversidades que advêm deste tipo de projeto e trabalho, esforçando-me para a realização com brio e primor do mesmo. O supervisor teve assim um papel essencial para uma realização plena, e de qualidade do trabalho científico. Marcou significativamente o meu percurso de Professor Estagiário.

3.1. Grupo de Estágio

Durante este ano letivo, tive a companhia de duas pessoas extraordinárias que juntamente com o Orientador se tornaram como família.

Começando pelo professor estagiário David Cavadas, companheiro de turma durante cinco anos com o qual privei e estabeleci uma relação de amizade e de companheirismo profunda que se veio a revelar fundamental para o bom ambiente deste grupo.

Depois a professora estagiária Ariana Dias, que já a conhecia através de outros amigos, revelou-se uma pessoa fantástica e com uma capacidade de trabalho e organização acima da média, o que trabalhando em conjunto nos permitiu ter toda a documentação necessária nos prazos destinados.

Pode-se afirmar, que em grupo partilhamos experiências, dificuldades, estratégias, opiniões,



Figura 5 – Núcleo de Estágio 2013/2014 ESAG

capacidades e problemas.

Tenho orgulho da relação e laços que foram sendo criados ao longo de todo este ano. Soubemos sempre respeitar a opinião dos outros e procuramos sempre em conjunto soluções para as adversidades que iam surgindo e ocorrendo, sendo por isso o lema deste Núcleo de estágio “Somos células do mesmo corpo” (Francisco Silva, 2013).

3.2. Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física, composto por um grupo de excelentes profissionais, acolheu de braços abertos, sem qualquer tipo de entrave ou discriminação, demonstrando sempre uma enorme disponibilidade para apoiar e ajudar em qualquer situação os estagiários inseridos na escola. Creio que a minha atitude foi também solidária e participativa no desenvolvimento das atividades e mesmo em tempo de lazer.

Foi um ano cheio de emoções, afetividades e relações apertadas entre todo o grupo de educação física. As atividades, reuniões, os jogos de professores contra alunos, jantares e outras atividades decorreram dentro dos parâmetros normais.

Resta-me agradecer todo o apoio, compreensão e momentos partilhados que me proporcionaram.

3.3. Corpo Docente não Docente

Considerando que a Escola Augusto Gomes se encontra em fase de Reconstrução e Modernização dos seus edifícios, a comunidade escolar sofreu algumas consequências a nível de relações entre os docentes. Os contatos afetivos com professores que lecionam as outras áreas curriculares tornaram-se escassos à exceção dos Diretores das Turmas.

Ao nível do corpo não docente, a simpatia e cooperação foi ao longo do presente ano letivo foi uma constante no quotidiano, pois sem a cooperação, o apoio e a ajuda não seria possível a nossa integração na comunidade escolar.

O Sr. Augusto e a Dona Margarida, funcionários da casa já dos meus tempos de aluno nesta escola, receberam-se sempre de braços abertos e sempre com o sentimento de quem me viu crescer. Foi de facto muito significativo ver todo o carinho e amizade com que fui tratado por parte deles.

3.4. Auxiliares da Ação Educativa

Todos os auxiliares da ação educativa, com quem me cruzei na escola, foram também muito prestáveis e disponíveis, sempre prontos e com vontade de ajudar. Os dois funcionários do pavilhão gimnodesportivo com quem contactávamos todos os dias, a D. Margarida e o Sr. Augusto, como já referi, não existem palavras para demonstrar o apreço que tiveram por nós. Desde o primeiro dia, na contagem do material até aos últimos dias enquanto professores estagiários, foram pessoas impecáveis em tudo o que lhes foi por nós solicitado. A D.Branca e a D.Tina foram extremamente pacientes no nosso acesso às fotocópias, abrindo-nos a porta, onde se encontrava a impressora, todos os dias e várias vezes ao dia.

São pessoas amáveis e excelentes profissionais, e estou certo que, sem eles, o meu ano de estágio iria ser mais complicado e com menos alegria.

3.5. Alunos

Relativamente aos alunos, existe uma heterogeneidade de personalidades que temos de saber lidar. Como professor, procurei estabelecer uma relação com base na confiança e no respeito tendo sempre por base a diferenciação de papéis entre o professor e o aluno durante o processo educativo.



Figura 6 – Equipa Não Docente, Docente e Assessores da ESAG no torneio interescolas de Voleibol

No primeiro período fiquei com uma turma do 12º ano, onde alguns alunos já me conheciam, o que acabou por ser uma vantagem para mim. A turma era muito diferenciada e com objetivos distintos, uns eram responsáveis e aplicados em ter boas notas, outros apresentavam uma postura mais relaxada e não tinham ainda adquiridos alguns hábitos de trabalho. No entanto e apesar de poucas aulas devido à situação do pavilhão da escola não estar resolvida, acho que esses alunos se começaram a aperceber que tinham de corrigir as suas posturas e mudar a sua mentalidade. De referir também que a turma era (em comparação com as outras) pequena, o que me ajudou a poder ter mais tempo para corrigir individualmente essas mesmas posturas, tendo (no meu entender) obtido respostas muito positivas.

No segundo período tive pela frente uma turma grande de 10º ano, onde as posturas evidenciadas no primeiro período, aliado ao facto de Educação Física já não contar para a média final, me traçavam grandes dificuldades para trabalhar com eles. Mas isso foi sendo superado ao longo do tempo com a vantagem de termos novas instalações e os conteúdos abordados terem sido do agrado da generalidade da turma. Apesar de ter começado com alguma dificuldade, penso que o balanço geral foi muito positivo e senti grande camaradagem e empenho da turma nas visitas do Supervisor, não havendo maior prova de reconhecimento pelo trabalho que estava a ser desenvolvido com eles.

Já no terceiro período, fiquei com a outra turma de 12º ano, muito mais homogenia e muito mais desenvolvida do que a que tive no primeiro período. Com a preocupação com as notas e as médias finais, com a motivação intrínseca para a atividade física por parte dos alunos, foi um terminar de ano em beleza.

Relativamente ao 11º de curso profissional, foi uma turma com um historial comportamental complicado, grande parte deles numa situação social complicada o que por vezes os levava a terem comportamentos disruptivos. Nesta situação, o apoio dos meus companheiros de estágio foi fundamental, pois em algumas situações dividíamos a turma em pequenos grupos e cada um de nós foi trabalhando com os alunos de modo a extrair o melhor deles.

É com enorme satisfação que reconheço, no fim do ano letivo, ter uma ótima relação com a maioria dos alunos. Os feedbacks que recebi das aulas que lecionei contribuíram para o sucesso dessa relação. Lecionar, representou uma experiência muito gratificante durante o ano letivo. Foi significativo aperceber-me da necessidade de respeitar os princípios da individualidade, conjugando com os diferentes ritmos de aprendizagem existentes em cada aluno.



Figura 6 – Turma 12ºE (1º Período)



Figura 7 – Turma 10ºF (2º Período)



Figura 8 – Turma 12ºB (3º Período)



Figura 9 – Turma 11ºL (Anual)

4 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Um dos objetivos da realização do Projeto Individual de Trabalho é a contribuição para uma maior organização e estruturação do meu trabalho pessoal e profissional que foi realizado no âmbito do meu Estágio, ajudando-me também a conhecer as minhas principais dificuldades nas diferentes áreas de desempenho de competências, para que as possa aperfeiçoar e enriquecer de um modo consciente e reflexivo. Pretendo assim preencher algumas lacunas a nível curricular que possuo em algumas modalidades. A escola teve assim um papel de grande importância pois contribuiu para o desenvolvimento das minhas competências profissionais.

No final deste ano letivo, vi confirmada a minha evolução em vários aspetos, a nível da consciencialização do sentido de responsabilidade

enquanto agente educador dos alunos que acompanhei e na capacidade de crítica e autocrítica, tanto através das atividades que desenvolvi como também pela reflexão sobre as mesmas, pois apenas o exercício da atividade apoiado na experiência, na investigação e na reflexão me vai permitir um desenvolvimento profissional diversificado.

É meu desejo também que a visão da Educação Física nas escolas tenha outro impacto, tentando que tanto os alunos, como os professores das outras áreas e mesmo os pais, consigam perceber qual a sua verdadeira importância a todos os níveis, pretendendo assim recolocar esta disciplina no patamar que já teve, sendo considerada uma das mais importantes para a formação e desenvolvimento dos alunos.

CONCLUSÕES

Chega assim ao fim um ano letivo onde penso que fiquei mais rico em termos de conhecimento e muito mais maduro enquanto homem.

Se já durante o meu percurso universitário a minha vontade de aprender era enorme, após este ano de poder pôr em pratica tudo aquilo que fui aprendendo a minha vontade de aprender mais despoletou para níveis não mensuráveis.

Todo o meu desenvolvimento profissional passou a ter uma razão de ser, passou a ter um objetivo que passava pelo desenvolvimento e crescimento dos meus alunos. E, este só foi possível pelo grande investimento neste ano de estágio, na busca da perfeição para ser capaz de responder da melhor forma a todas as necessidades inerentes a este, e tornar marcante este estágio, não apenas na luta por uma nota, mas também para conseguir deixar uma marca muito positiva no centro de todo este estágio profissional que foram, os meus alunos.

Eles foram a minha verdadeira e principal fonte de aprendizagem, não descurando todos os outros intervenientes.

O Estágio Profissional revelou-se preponderante, para a minha evolução em todos os campos da função docente. Constituiu uma oportunidade ímpar

para começar a pôr em prática os conhecimentos que adquiri nos primeiros anos do curso, para complementar os conhecimentos teóricos com as situações práticas e para começar a construir o próprio estilo de atuação, tendo sido fundamental na estruturação do meu conhecimento didático-pedagógico. Para além disso, permitiu-me tomar consciência do impacto da profissão não só sobre os alunos, como também na sociedade em geral.

Agora, sei que um longo e duro percurso me espera. O desemprego assusta milhares de professores, mas não irei desistir de tudo aquilo que fiz durante estes últimos cinco anos, para a realização de um sonho que é, dar aulas.

RELATÓRIO CIENTÍFICO

RESUMO

Este relatório científico apresenta um estudo cujo objetivo é conhecer e analisar as diversas percepções dos atletas do desporto escolar da modalidade de atletismo relativamente às suas fontes de motivação para a prática da mesma. Sendo este estudo realizado com o intuito de compreender a preponderância da disciplina de Educação Física neste processo.

Neste estudo participaram 500 praticantes de ambos os sexos, sendo que a amostra é caracterizada por 261 praticantes do sexo feminino e 239 do sexo masculino, o que corresponde a aproximadamente 52% e a 48% respetivamente, da população inquirida. Sabe-se que pelo menos 150 inquiridos têm idade análoga a 14 anos (30%) e 156 têm idade correspondente a 16 anos (aproximadamente 31%).

O primeiro instrumento utilizado foi um questionário, com 30 questões, com uma escala de Likert de 5 pontos (sendo 1 discordo plenamente e 5 concordo plenamente).

Mediante os dados obtidos, registou-se que os inquiridos de ambos os sexos, consideram que as questões de maior relevância que justificam a prática desta modalidade foram: “Tenho interesse e vontade de praticar”, “Tenho gosto pelo desporto” e “O desporto é “divertido” e “alegre””. Para o tratamento de dados foi utilizado o IBM SPSS Statistics 21 para o Microsoft Windows.

Durante o desenvolvimento do estudo, procurou-se sintetizar de forma clara as questões mais valorizadas pelos alunos sem nunca excluir as menos cotadas por eles.

No final do artigo foram levantadas algumas questões que os inquiridos esclareceram não ter muita influência na sua motivação para a prática de atletismo no desporto escolar, sendo elas: “Tenho relação com o desporto federado”, “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)” e “Tenho condições financeiras”.

ABSTRACT

This scientific report presents a study aiming to understand and analyze the different perceptions of school sports athletes of the sport of athletics regarding their sources of motivation for their action. As this study in order to understand the preponderance of Physical Education in this process.

In this study 500 practitioners of both genders, and the sample is characterized by practitioners 261 females and 239 males, which corresponds to approximately 52% and 48% respectively, of the population surveyed. It is known that at least 150 respondents have similar 14 years of age (30%) and 156 have corresponding age of 16 years (about 31%).

The first instrument was a questionnaire with 30 questions with a Likert scale of 5 points (1 being strongly disagree and 5 strongly agree).

With the data obtained, it was noted that respondents of both sexes, consider that the most important issues that justify the practice of this sport were: "I have an interest and willingness to practice", "I like the sport" and "Sport is "fun" ". For the treatment of data was used IBM SPSS Statistics 21 for Microsoft Windows.

During the development of the study, we tried to summarize clearly the most valued by the students questions without ever delete the least quoted by them.

At the end of the article were raised some issues that respondents clarified not have much influence on their motivation to practice athletics in school sports, which were: "I have federated relationship with the sport", "I want to change my "picture" (become Slim, more muscular) " and " I have financial conditions ".

RESUMÉ

Ce rapport présente une étude scientifique visant à comprendre et à analyser les différentes perceptions des athlètes de sports de l'école du sport de l'athlétisme sur leurs sources de motivation pour leur action. Comme cette étude afin de comprendre la prépondérance de l'éducation physique dans ce processus.

Dans cette étude, 500 praticiens des deux sexes, et l'échantillon est caractérisé par des praticiens 261 femmes et 239 hommes, ce qui correspond à environ 52% et 48% respectivement de la population enquêtée. On sait qu'au moins 150 répondants ont similaires de 14 ans (30%) et 156 ont moins de 16 ans (environ 31%) correspondant.

Le premier instrument est un questionnaire de 30 questions avec une échelle de Likert de cinq points (1 étant fortement en désaccord et 5 fortement d'accord).

Avec les données obtenues, il a été noté que les répondants des deux sexes, considèrent que les questions les plus importantes qui justifient la pratique de ce sport sont: "J'ai un intérêt et une volonté de pratiquer", "J'aime le sport" et "sport C'est "fun" ". Pour le traitement des données a été utilisé IBM SPSS Statistics 21 pour Microsoft Windows.

Lors de l'élaboration de l'étude, nous avons essayé de résumer clairement la plus appréciée par les élèves des questions sans jamais supprimer la moins citée par eux.

A la fin de l'article ont été soulevé certaines questions que les répondants clarifiées pas beaucoup d'influence sur leur motivation à pratiquer l'athlétisme dans les sports scolaires, qui étaient: "J'ai relation fédérée avec le sport", "je veux changer mon "image" (devenu Mince, plus musclé)" et "J'ai conditions financières".

INTRODUÇÃO

O Desporto Escolar (DE), enquadrado na legislação do Ministério da Educação e da Ciência de Portugal, é o conjunto de práticas de atividades desportivas desenvolvidas como complemento curricular e ocupacional de tempos livres, integradas no plano escolar e coordenadas pelo sistema educativo.

Numa perspetiva histórica, o DE esteve quase sempre presente nas escolas portuguesas desde as primeiras décadas do século XX, todavia a sua estrutura apenas foi consolidada nos anos 90. Desde a sua consolidação, vários estudos comparativos entre Desporto Escolar e Desporto não Escolar (Desporto Federado), foram feitos, alguns dos quais relacionados com as desigualdades verificadas no número de alunos envolvidos em cada modalidade e o facto da participação dos alunos em clubes, os afastar do Desporto Escolar no qual imensos fundos públicos têm sido investidos. Lembremos a este propósito, que já em 1931, Coubertin, acerca do DE, esclareceu o seguinte: “Seria um erro, o Desporto Escolar e o Desporto não escolar não possuírem os mesmos responsáveis, nem o mesmo espírito, não devendo por conseguinte ter a mesma organização”.

É de referir que o DE apresenta grande relevância no processo educativo dos jovens, evidenciada pela inclusão da sua prática e pelo elevado poder de socialização que a caracteriza, através de novas experiências, prática e realidades (Teixeira, 2007).

A Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), menciona que toda a criança tem o direito de beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral. Por outro lado, na Carta dos Direitos dos Jovens ao Desporto (1977), é apelado o direito de praticar desporto como crianças, sendo dominante o direito de sentir prazer na sua prática.

Relativamente a legislação, o Decreto-Lei nº 95/91, de 26 de Fevereiro, define e organiza o quadro geral da Educação Física e Desporto Escolar, no seu artº 5º define Desporto Escolar da seguinte forma:

1- Entende-se por Desporto Escolar o conjunto de práticas lúdico-desportivas e formação como objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.

2- De acordo com os objetivos referidos no número anterior, o Desporto Escolar desenvolve as suas atividades nas escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico e nas escolas do ensino secundário.

3- Nas escolas do 1º ciclo do ensino básico são desenvolvidas atividades lúdicas de iniciação desportiva integradas no âmbito dos programas de Educação Física da respetiva área curricular ou articuladas com estes. (Decreto-Lei nº95/91 de 26 de Fevereiro, citado em Marreiros, 2006, pág.32)

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86 de 14 de Outubro), no seu ponto 5 do artº 48º, quando se refere ao Desporto Escolar, menciona o seguinte:

O Desporto Escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados.

Nas Normas Orientadoras para Educação Física e Desporto Escolar (NOEFDE), aprovadas por despacho de 5 de fevereiro de 1979, pelo então Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, as atividades de aplicação da disciplina de Educação Física, em que todas as escolas participavam, era obrigatório tanto para alunos como para professores (circular L/T/EES nº94/79 – IS/EF, de 19 de Dezembro de 1979).

Em 1975, Mateev enaltecia que a EF e o DE eram, por princípios, de extrema importância, pois criavam de igual modo hábitos fundamentais essenciais que perdurariam por toda uma vida. É neste contexto que, de acordo com Bento (1981), urge entender a EF e o DE como realidades

diferentes, motivações diferentes, finalidades próprias, embora concomitantes. Para este mesmo autor, o DE, sendo uma atividade complementar de aprendizagem de uma unidade de ensino inscrita na EF, deve procurar a interdisciplinaridade com outras atividades complementares, cuja motivação, conteúdo e finalidade derivam, quase exclusivamente, do meio social.

Para Coutinho (1984), integrar o desporto na escola a todos os níveis, é preparar o desenvolvimento. Por outro lado, Mota (1984), quando se refere à situação do Desporto Escolar, menciona o seguinte:

Não somos mal intencionados, nem néscios, nem invejosos, nem dizemos que o que se vem fazendo no Desporto Escolar não é nada, mas pensamos que o que se tem feito não é efetivamente o Desporto Escolar, tal como o concebemos e definimos, isto é, uma prática educativa e cultural, indispensável ao desenvolvimento integral e harmonioso de todos os jovens. (Mota, 1984, citado por Marreiros, 2006, pág.15)

Carvalho (1987) menciona que o Desporto Escolar é um tema pouco abordado sendo estranho aos olhos do mundo, encerrando em si muitas das contradições quer do próprio sistema de ensino, quer do sistema desportivo. Este autor menciona ainda, que o Desporto Escolar foi sempre entre a sociedade um conceito mal definido.

É segundo este pensamento que, Ferreira (1991), se refere aos professores de Educação Física, que ministravam o Desporto Escolar, menciona que a estes caberia um papel determinante na consecução dos objetivos do mesmo.

Para Bento (1991), e de ordem ideológica a separação entre a Educação Física e o DE, sobre tudo porque a matéria de ensino e aprendizagem, de exercitação e recreação é comum.

Mota (1997), ao abordar as questões que se prendem com o Desporto Escolar, diz que é um processo eminentemente educativo e pedagógico, sendo por isso uma questão do sistema educativo e não do sistema desportivo, ainda

que possa e deva estabelecer com estas relações conducentes a uma cooperação e colaboração não só desejáveis, como também necessárias.

Brito (1997), menciona que a participação no DE de alunos federados é a subversão do processo pedagógico, para numa lógica de rendimento, a escola exclui os menos dotados, devendo esta reforçar o papel no processo de formação desportiva. Este mesmo autor afirma ainda que como o desporto não faz parte da nossa cultura, nota-se deficiência a nível do DE, ao qual nem sempre tem sido bem entendido como viveiro de campeões, devendo ser exclusivamente para a iniciação e orientação desportiva, sendo o desporto excelência para os clubes.

Ainda para este autor (Brito, 1997), só haverá Desporto Escolar nas escolas, se houver Educação Física, tendo o professor desta disciplina, de ser qualificado.

Soares (1997), considera os professores de Educação Física como os principais agentes com maiores responsabilidades na gestão e desenvolvimento do Desporto Escolar, contudo não têm acesso às verbas destinadas para este subsistema do sistema educativo. Ainda para este autor, o Desporto Escolar é parte integrante da Educação Física e toda a sua organização é realizada a partir desta disciplina, sendo o resultado da articulação e continuidade que deve existir entre uma e outra. No entanto, esta dependência é bastante questionável, pois o Desporto Escolar desenvolve-se no quadro do princípio de livre escolha enquanto a disciplina curricular é de carácter obrigatório.

1 Motivação para a prática do desporto escolar

Halliwell (1981, in Cruz, 1996) defendeu que o estudo da motivação no desporto deve ter como principais linhas orientadoras as seguintes dimensões: direção ("porque é que os atletas escolhem certos desportos para participarem?"); intensidade ("porque é que certos atletas se esforçam mais ou jogam com maior intensidade que outros?"); e persistência ("porque é que certos atletas continuam a prática desportiva e outros abandonam?").

Segundo Singer (1984, in Cruz, 1996), a motivação é responsável pela seleção e preferência por uma atividade, pela persistência nessa atividade, pela intensidade e vigor (esforço) do rendimento e pelo carácter adequado do rendimento relativamente a determinados padrões.

Fraisse (1984) denomina a componente motivacional como campo de forças, interagindo entre o indivíduo e o objeto, que Sprinthall e Sprinthall (1993) consideram como cruciais no sucesso académico.

Fernandes (1986) define este conceito como o conjunto dos mecanismos internos e dos estímulos externos que ativam e orientam o nosso comportamento.

Apesar da sua vasta utilização, a motivação é um conceito complexo, e que não é totalmente compreendido pelas pessoas pouco identificadas com o assunto. Como tal, pensamos que é importante apresentar uma definição consensual sobre esta matéria.

Um caso paradigmático, e que demonstra algum desconhecimento sobre o assunto, acontece com alguma assiduidade no universo desportivo. Muitos professores de Educação Física e treinadores acreditam que a motivação é inata, ou seja, que está dependente da genética de cada um. Se um aluno ou atleta é visto como fraco em termos motivacionais, os professores ou treinadores não acreditam que isso possa ser alterado. Como consequência desistem desse estudante ou atleta. Mas, a motivação não é inata, é um atributo que pode ser aprendido e desenvolvido pelas pessoas (Roberts, 1993). Se esses professores ou treinadores tivessem uma noção correta sobre esta matéria, com certeza que desenvolveriam ações e escolheriam estratégias de forma a elevar os índices motivacionais dos seus alunos ou atletas.

A motivação é um termo empregue frequentemente no contexto desportivo e educacional. Por vezes, recorrendo a este conceito os agentes desportivos e os professores encontram a forma mais fácil de justificar resultados, comportamentos e estratégias utilizadas. Assiduamente ouvimos treinadores e professores afirmarem que os seus atletas, ou os seus alunos, não se encontram motivados. Os próprios atletas e os alunos, por vezes, justificam comportamentos menos apropriados ou uma falta de empenho

devido a índices reduzidos de motivação. No presente é um dos conceitos mais estudados na psicologia (Alves, Brito e Serpa, 1996).

1.1 Motivos para a prática do desporto escolar

Frey, McClements e Sefton (1981, in Cruz, 1996) verificaram, junto de jovens que os aspetos mais importantes eram: esperavam divertir-se muito com o jogo, desejavam tornar-se bons praticantes, desejavam fazer novas amizades, ambicionavam conquistar troféus e esperavam fazer exercício físico e viajar.

Gould, Feltz, Weiss e Petlichkoff (1982) referiram que os mais importantes foram: o divertimento, a forma física, a saúde física, a melhoria de competências, a "atmosfera" da equipa e o desafio. Por outro lado, os que tiveram menos influência na sua participação foram: agradar aos pais ou aos melhores amigos, acalmar a tensão, ser popular e viajar.

Segundo Cruz (1996) a primeira análise extensiva sobre motivação foi realizada por Sapp e Haubenstricker (1978) onde um dos principais aspetos apontados estavam ligados à preocupação com a saúde/aptidão física.

Biddle (1997) argumenta que o conhecimento das razões que os jovens apresentam para serem fisicamente ativos no desporto é um ponto de partida importante para a compreensão da motivação.

Como tal, procedeu-se à apresentação das conclusões de diversos estudos que realizaram a análise dos motivos invocados pelos atletas, de uma determinada modalidade desportiva, como fundamentais para terem iniciado a sua prática.

2 Material e métodos

Para a realização deste relatório científico, utilizou-se um questionário adaptado ao QMAD (Serpas e Frias, 1991), devidamente validado e aplicado a todos os alunos praticantes de Atletismo no Desporto Escolar.

Os dados apresentados, são relativos às competições distritais (cortamato e pista ao ar livre) do ano letivo 2013/2014, referentes a Escolas Básicas e Secundárias, do setor público e privado, do distrito do Porto.

3 Caracterização

A amostra foi constituída por 500 alunos de ambos os sexos praticantes de atletismo no DE, com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, que frequentam o Ensino Básico e Secundário.

Foram aplicados questionários a alunos praticantes de DE, dos escalões de iniciados a juvenis, de 36 escolas, sendo as seguintes que se cita: ES Custóias, ES Diogo Macedo, Escola D, Pedro IV, EB 2,3 Gomes Teixeira, EB 2,3 Lavra, ES Gondomar, ES Maia, ES Fontes Pereira Melo, EB 2,3 Valongo, ES Trofa, ES Rio Tinto, ES Águas Santas, ES/B Filipa de Vilhena, ES Boa Nova, ES Augusto Gomes, ES Soares dos Reis, EB 2,3 Vilar de Andorinho, Colégio Paulo VI, Externato Ribadouro, ES Castelo da Maia, ES Gueifães, EB 2,3 Maia, EB 2,3 Trofa, EB 2,3 Senhora Hora, EB 2,3 Areosa, ES Alfena, ES Valadares, ES Almeida Garrett, ES Inês de Castro, ES Garcia da Horta, ES D, Dinis, ES Oliveira do Douro, ES Carolina Micaelis, ES Gonçalves Zarco e EB 2,3 Perafita.

O critério de seleção da amostra foi definido segundo a limitação geográfica que estipulamos para este estudo. Deste modo, foram escolhidas 36 escolas do Ensino Básico e Secundário de carácter publico e privado do distrito do Porto.

4 Procedimentos Estatísticos

O inquérito inicia-se com a apresentação do estudo, o tipo de informação que se pretende obter e o seu uso posterior, identificação do inquirido como por exemplo: sexo e idade (salientando que permaneceram em anonimato), seguido das instruções e referências destinadas a assegurar a colaboração dos respondentes. Relativamente aos dados, estes foram analisados e tratados no programa IBM SPSS Statistics 21.

5 Procedimento Metodológicos

Para a realização desta dissertação, realizou-se uma recolha de dados, efetuada através da execução de um questionário, dirigido a alunos praticantes de atletismo no DE, devidamente elaborado tendo em conta os objetivos do estudo e as características da amostra.

Utilizou-se o questionário “QMAD” adaptado composto por 30 questões, com uma escala de Likert de 5 pontos (discordo plenamente a concordo plenamente), para efetuar a análise quantitativa, baseando-se no facto de estas escalas terem normalmente 4 a 5 opções e também ao ser um número ímpar, permitindo ao entrevistado ter uma opção intermédia e dessa forma ter a opção de não ser comprometido com a sua resposta (Günther, 2003).

Este tipo de escala permite aos inquiridos não só afirmarem se concordam ou não com o item evidenciado, como também referirem o seu grau de concordância ou discordância com o mesmo. Nesse sentido, é atribuído um valor numérico que reflete a sua atitude em relação a essa afirmação.

Relativamente à aplicação é de referir que foi solicitada a permissão às Escolas envolvidas, junto dos professores responsáveis dos grupos. Após o consentimento obtido, os questionários foram distribuídos aos alunos pelos autores dos mesmos.

6 Apresentação e Discussão de resultados

Como referido anteriormente, foram aplicados 500 questionários a alunos praticantes da modalidade de atletismo no DE, com média de idades de aproximadamente 15 anos (variando entre os 13 e os 17 anos) (Tabela 1 – Idade dos praticantes), de 36 escolas do distrito do Porto.

De modo a manter alguma fluidez e coerência na apresentação dos resultados, inicialmente será apresentada a análise descritiva e posteriormente algumas análises comparativas.

As tabelas (2, 3, 4, 5 e 6), pretendem, respetivamente, caraterizar extensivamente os participantes, de acordo com as variáveis independentes em estudo (Ano de escolaridade, Praticantes de desporto federado, Duração dos treinos, Praticantes de atividade física e Duração da atividade física).

Tabela 1 - Idade dos praticantes

	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
13	54	10,8		
14	150	30,0		
15	110	22,0	14,92	1.131
16	156	31,2		
17	30	6,0		
Total	500	100,0		

Num total de 500 inquiridos de ambos os sexos, concluímos através da análise da tabela 1 (acima), que a amostra é caraterizada por 156 alunos com a idade de 16 anos, o que corresponde a aproximadamente 31% da população inquirida e que 150 inquiridos têm idade análoga a 14 anos, 30%.

Relativamente ao ano de escolaridade é possível observar na tabela abaixo indicado (Tabela 2), que 279 dos inquiridos frequentam o ensino básico e 221 o ensino secundário, correspondendo a 55,8% e 44,2% respetivamente.

Tabela 2 - Ano de Escolaridade dos praticantes

	Frequência	Percentual (%)
Básico	279	55,8
Secundário	221	44,2
Total	500	100,0

Relativamente à prática de desporto federado, através da tabela 3, podemos constatar que 285 dos inquiridos pratica desporto federado, correspondendo a 57%. No entanto, é possível observar que dos 500 inquiridos, 215 não praticam desporto federado (43%).

Como é possível observar na tabela abaixo indicada, relativamente à média é de 1,43 sendo o desvio padrão de 0,496.

Tabela 3 - Alunos praticantes de desporto federado

	Frequência	Percentual (%)
Sim	285	57,0
Não	215	43,0
Total	500	100,0

Relacionado ainda com o item anterior (“Alunos praticantes de desporto federado”), na tabela 4 (abaixo indicada), é possível observar que as horas variam entre as 2 horas (mínimo) e 16 horas (máximo), correspondendo ambos a 1%, obtendo-se uma média de 6 horas e um desvio padrão de 3.

É de salientar que 85 inquiridos afirmaram que praticam pelo menos 6 horas de treinos dedicados ao desporto federado, correspondendo assim a 17%.

Tabela 4 - Duração dos treinos do desporto federado

Horas	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
2	5	1,0		
3	45	9,0		
4	44	8,8		
5	20	4,0		
6	85	17,0		
7	20	4,0		
8	10	2,0	6,26	3,001
9	20	4,0		
10	5	1,0		
12	21	4,2		
14	5	1,0		
16	5	1,0		
Total	141	54,0		

No que toca ao item “Alunos praticantes de atividade física diária”, é possível observar na tabela abaixo (tabela 5), que 355 das 500 dos inquiridos, correspondente 71%, não pratica qualquer tipo de atividade física diária.

Tabela 5 - Alunos praticantes de atividade física diária

	Frequência	Percentual (%)
Sim	145	29,0
Não	355	71,0
Total	500	100,0

No que concerne à duração da mesma, na tabela 6, abaixo descrita, é possível afirmar que 41 alunos praticam pelo menos duas horas diárias de atividade física, o que corresponde a aproximadamente 8%. Também é de salientar a existência de um grupo de 35 inquiridos que afirmam praticar atividade física diária pelo menos 4 horas.

Tabela 6 - Duração da prática de atividade física

	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
1	19	3,8		
2	41	8,2		
3	30	6,0		
4	35	7,0	3,24	1,744
5	15	3,0		
8	10	2,0		
Total	145	30,0		

No que diz respeito aos itens mais valorizados pelos inquiridos, na tabela seguinte (tabela 7), os mesmos valorizam mais as seguintes questões: **“Tenho interesse e vontade de praticar” (4.60); “Tenho gosto pelo Desporto” (4.58); “O desporto é “divertido” e “alegre”” (4.46).**

Tabela 7 - Itens mais valorizados

	Média	Desvio padrão
Tenho interesse e vontade de praticar	4,60	,566
Tenho gosto pelo Desporto	4,58	,765
O desporto é “divertido” e “alegre”	4,45	,780

Os itens menos valorizados pelos praticantes, apesar de atribuído o grau concordo plenamente, foram: **“Tenho condições financeiras” (3,81); “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)” (3,68); “Tenho relação com o desporto federado” (3,59);** (tabela 8, abaixo indicada).

Tabela 8 - Itens menos valorizados

	Média	Desvio padrão
Tenho relação com Desporto Federado	3,59	1,499
Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)	3,68	1,290
Tenho condições Financeiras	3,81	1,065

Nas tabelas seguintes (Tabela 9 e 10 – Itens mais valorizados) é possível observar os dados divididos em atletas praticantes de desporto federado e não praticantes, do sexo feminino e do sexo masculino. Assim sendo os inquiridos do sexo feminino valorizaram mais as seguintes questões: **“Tenho interesse e vontade de praticar” (4,40 e 4,71 respetivamente); “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” (4,53 e 4,46); “Tenho gosto pelo Desporto” (4,53 e 4,38).**

Por contrapartida, os inquiridos do sexo masculino valorizam mais: **“Tenho gosto pelo Desporto” (4,76 e 4,63); “Tenho interesse e vontade de praticar” (4,66 e 4,68); “O desporto é divertido e alegre” (4,48 e 4,53).**

Tabela 9 - Itens mais valorizados pelo sexo feminino

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	t	P
Tenho interesse e vontade de praticar	Sim	4,40	,675	-	0.000
	Não	4,71	,456	4.416	
Assim os meus pais deixam/apoiam a prática	Sim	4,53	,780	0.821	0.412
	Não	4,46	,647		
Tenho gosto pelo Desporto	Sim	4,53	,866	1.591	0.113
	Não	4,38	,699		

Tabela 10 - Item mais valorizados pelo sexo masculino

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	t	p
Tenho gosto pelo Desporto	Sim	4,76	,821	1,341	0,181
	Não	4,63	,485		
Tenho interesse e vontade de praticar	Sim	4,66	,544	-0,360	-
	Não	4,68	,467		
O Desporto é divertido e alegre	Sim	4,48	,975	-0,422	0,674
	Não	4,53	,599		

Dos itens menos valorizados pelos inquiridos do sexo feminino (Tabela 11, abaixo indicadas) apesar de atribuído o grau de “concordo plenamente” foram: **“Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado) ” (3,30 e 3,71 respetivamente); “Tenho relação com o Desporto Federado” (4,35 e 2,71 respetivamente) e “Tenho condições Financeiras” (3,89 e 3,63 respetivamente).** Referente ao sexo masculino (Tabela 12), foram: **“Tenho**

relação com o Desporto Federado” (4,35 e 2,42); “Tenho tempo livre” (3,52 e 4,21); “Os horários de treino são adequados” (3,90 e 3,68).

Tabela 11 - Itens menos valorizados pelo sexo feminino

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	t	p
Quero mudar a minha	Sim	3,30	1,313		
“imagem” (ficar magro, mais musculado)	Não	3,71	1,212	-2.607	0.010
Tenho relação com Desporto Federado	Sim	4,35	1,077		
	Não	2,71	1,574	9.690	0.000
Tenho condições Financeiras	Sim	3,89	,976		
	Não	3,63	1,290	1.870	0.063

Tabela 12 - Item menos valorizados pelo sexo masculino

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	t	p
Tenho relação com Desporto Federado	Sim	4,35	,760		
	Não	2,42	1,433	12,028	0.000
Tenho tempo Livre	Sim	3,52	1,109		
	Não	4,21	,698	-5,899	0.000
Os horários de treino são adequados	Sim	3,90	,929		
	Não	3,68	,178	1,547	0.123

Na apreciação dos resultados sobre as diferenças entre os grupos constituídos por atletas federados e atletas não federados, no sexo feminino evidenciaram-se diferenças estatisticamente significativas no item “Tenho interesse e vontade de praticar” nos mais valorizados e nos itens “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado) ” e “Tenho relação com o Desporto Federado” nos menos valorizados. Já no sexo masculino as diferenças estatisticamente significativas apresentaram-se no item “Tenho

gosto pelo Desporto” nos mais valorizados e nos itens “Tenho relação com o desporto federado” e “Tenho tempo livre nos menos valorizados.

Observando as tabelas acima descritas (Tabelas 9, 10, 11 e 12 – Itens mais e menos valorizados), é possível verificar que existem diferenças ao nível de significância de 5%, constatando assim que as opiniões diferem entre ambos atletas federados e não federados.

Relativamente aos inquiridos do sexo feminino, no item “Tenho interesse e vontade de praticar” verifica-se então que entre as atletas federadas e não federadas existe uma diferença de opinião (0,000), do mesmo modo se observa e verifica que nas questões “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” e “Tenho Gosto pelo Desporto” as diferenças entre ambos os grupos não difere estatisticamente, o que corresponde a opiniões semelhantes entre ambos os grupos. Nos atletas de sexo masculino, verifica-se que as opiniões diferem estatisticamente, pois o nível de significância nas três questões é superior a 5%.

No que concerne aos resultados obtidos nos itens menos valorizados, onde se inserem as seguintes questões: “Quero mudar a minha “imagem” (ficar mais magro, mais musculado) ” e “Tenho relação com o desporto federado”, as opiniões entre os grupos (federados e não federados), diferem estatisticamente correspondendo assim a 0,010 e a 0,000 ao nível de significância de 5% no sexo feminino. E nas questões: “Tenho relação com o Desporto” e “Tenho tempo livre”, as opiniões entre os grupos (federados e não federados), também diferem estatisticamente, correspondendo as duas questões a 0,000 ao nível de significância de 5%.

CONCLUSÕES

Com esta investigação, e mediante a análise dos dados recolhidos, concluiu-se que a diferença de opiniões entre ambos os grupos (atletas federadas e não federadas), sexo masculino e sexo feminino, é em determinadas questões bastante distintas, proporcionando assim diversas

respostas ao problema colocado inicialmente, “Qual a motivação dos alunos do distrito do Porto para a prática da modalidade de atletismo?”.

Primeiramente, falando do estudo quantitativo realizado, conclui-se que os participantes federados consideram que os itens mais valorizados para a promoção de motivação à prática de desporto escolar na modalidade de atletismo são o próprio interesse e a vontade de realizar a modalidade acima supra citada e o gosto pelo desporto, o facto de o desporto escolar não ter qualquer custo financeiro para os praticantes, os pais acabam por deixar e ate mesmo apoiar a prática e por ultimo e não menos importante, o facto de os praticantes considerarem que o Desporto é divertido e alegre proporciona a que os mesmos se enquadrem numa equipa do desporto escolar.

Num sentido oposto àquilo que usualmente se observa, em que os alunos praticam desporto como forma de obter melhorias na sua imagem, isto é, na aparência física (ficar magro, musculado, entre outros), os praticantes do sexo feminino classificam como sendo um dos itens menos valorizados. Continuamente a este item e como o item menos valorizado pelos atletas de sexo masculino, segue-se uma das questões que poderá ser um dos motivos da participação dos alunos no desporto escolar, nomeadamente de atletismo, “Tenho relação com o desporto federado”, onde se observou que 57% dos alunos do desporto escolar encontra-se a praticar em simultâneo um desporto federado da mesma modalidade, no entanto a percentagem de alunos não praticantes não fica muito aquém dos valores obtidos pelos praticantes de desporto escolar e federado, tendo assim como resultado 43%.

Em suma, a partir da análise dos vários questionários repara-se que estes interesses que envolvem motivações externas aos alunos estão na base da realização do desporto escolar, no entanto o facto de as escolas promoverem mais o desporto escolar como fonte de competitividade para os atletas federados, poderá ser um indício de forte abandono de alunos não federados a iniciarem o gosto pelo desporto ou ate mesmo atividade física.

REFERÊNCIAS

- Alarcão, I. e. T., J. . (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica . Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alves, J., Brito, A. & Serpa, S. (1996). *Psicologia do Desporto. Manual do Treinador* (Vol. Vol. I): Edições Psicosport.
- Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (1991). *O Desporto Escolar e as Novas Exigências de Formação de Docentes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Biddle, S. (1997). Cognitive theories of motivation and the self. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp. pp.59-82): Champaign, IL: human Kinetics.
- Cadima, F. (1991). Comunicação do Conselho Nacional das Associações de Profissionais de Educação Física. *Dossier de Desporto Escolar*, 2-3.
- Carneiro, R. (1997). Made in Portugal - ao falar-se de política de formação, convém acrescentar humana e social. *Revista Visão*.
- Carvalho, A. (1987). *Desporto Escolar*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coubertin, P. (1931). *Mémoires Olympiques*, Suisse: Bureau International de Pédagogie Sportive.
- Coralina, C. (2007). Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.
- Cruz, J. (1996). Motivação para a competição e prática desportiva. In J. Cruz (Ed.), *Manual da psicologia do desporto* (pp. pp. 305-332): Braga.
- Feio, N. (1981). *Educação Física e Desporto Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Fernandes, U. (1986). Motivação dos jovens para as actividades físicas e desportivas. *Revista Horizonte, Vol. 2(15)*.
- Ferreira, F. (1991). O Desporto Escolar em Marcha. *Jornal Record*.
- Fraisse, P. (1984). *A Psicologia Experimental*. Lisboa: Gradiva.
- Gonçalves, C. (1991). Educação Física e Desporto Escolar: Complementariedade e Interdependência. *Dossier de Desporto. 2, 29*.
- Gould, D., Feltz, D., Weiss, M., & Petlichkoff, L. (1982). Participation Motives in Competitive Youth Swimmers. In T. Ortick, J.T. Partington & J. H. Salmela (Eds.), *Mental training for coaches and athletes*. Ottawa: Coaching Association of Canada.
- Mamedes, J. (2010). O bom professor.
- Mateev, D. (1975). O Movimento Olímpico e o seu Alcance Social *Cultura e Desporto* (Vol. 24). Lisboa: Centro de Documentação e Informação.
- Mota, R. (1984). A Situação Oficial do Desporto Escolar. *Revista de Educacao Fisica e Desporto, XIII(76), 25*.
- Mota, R. (1997). A Situação Oficial do Desporto Escolar. In J. Marreiros (Ed.), *Desporto Escolar: Que realidade?* (Vol. 8, pp. 34). Chamusca: Edições Cosmos.
- Pires, G. (1991). Desporto Escolar: Opções; Estratégias; Futuros. *Dossier de Desporto. 2, 29-30*.
- Roberts, G. (1993). Motivation in Sport: Understanding and Enhancing the Motivation and Achievement of Children In R. Singer, M. Murphey & L. Tennant (Eds.), *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp. 405-420). New York: International Society of Sport Psychology.
- Rubem, A. (2001). *A Alegria de Ensinar*. Brasil: Ars Poética, Papyrus.

- Serpa, S. (1991). Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD). In F. Sobral & A. Marques (Eds.), *Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa* (Vol. 2, pp. 89-97). Lisboa.
- Silva, M. (2006). *O Desporto Escolar em Portugal: A Experiência do Desporto Escolar no Continente e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores*. (Mestrado), FADEUP, Porto.
- Singer, R. (1984). *Handbook of Research on Sport Psychology*. International Society of Sport Psychology.
- Soares, J. (2009). Percepções dos professores do desporto escolar sobre a relação entre o sector escolar e o sector federado da Região Autónoma da Madeira. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9, 76-82.
- Sobral, F. (1991). Desporto Escolar e Desporto Federado: os traços de diferença. *Dossier de Desporto Escolar*, 2, 30.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Vieira, F. (1993). Observação e Supervisão de Professores. In F. Sequeira (Ed.), *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.

ANEXOS

Questionário de Motivação para a prática do Desporto Escolar

Antes de tudo, o nosso muito obrigado pela sua participação. Este estudo serve como requisito parcial de avaliação para o curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia.

Este questionário será aplicado apenas a alunos que se encontrem a frequentar Escolas Secundárias no distrito do Porto. Este advém de uma adaptação do QMAD (Questionário de Motivação Para Atividades Desportivas), sendo anónimo, confidencial e de resposta voluntária. Para posterior análise estatística, pedimos que responda às seguintes questões com o máximo de rigor e sinceridade.

1. **Sexo:** Masculino Feminino 2. **Idade:** _____ (anos)

3. **Escola:** _____

4. **Ano de escolaridade (presente ano letivo):**

Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos) Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos)

5. **Desporto Federado:**

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

6. **Desporto Escolar:**

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

7. **Outra Atividade Física:**

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

De seguida, pede-se que leia com atenção cada uma das afirmações abaixo, e **assinale com um (X)**, para indicar quanto cada afirmação se aplica a si. É de salientar que não existem respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

A classificação é a seguinte:

Discordo Plenamente	Discordo	Nem Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1	2	3	4	5

Eu pratico Atletismo no Desporto Escolar porque...

	Discordo Plenamente	Discordo	Nem Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. Tenho interesse e vontade de praticar					
2. Há boas condições/instalações desportivas					
3. Tenho tempo Livre					
4. Tenho condições Financeiras					
5. Tenho equipamento Pessoal					
6. Tenho relação com Desporto Federado					
7. Tenho bons motivos de saúde					
8. Tenho gosto pelo Desporto					
9. Há possibilidade de aderir à modalidade					
10. Assim os meus pais deixam/apoiam a prática					
11. É um meio de aceder à alta competição (campeonatos)					
12. Crio hábitos desportivos					
13. O desporto é “divertido” e “alegre”					
14. Tem muitos praticantes					
15. Os horários de treino são adequados					
16. Permite a minha integração numa equipa					
17. Tenho aptidão (“jeito”) para a modalidade					
18. É uma modalidade exigente					
19. Gosto dos professores/treinadores da modalidade					
20. Acho que sou bom na modalidade					
21. Gosto de me submeter ao esforço físico					
22. Tenho boa condição física					



23. Os meus amigos praticam					
24. Não tenho medo ou receio de fazer as coisas mal					
25. Sei que o desporto traz benefícios					
26. Quero mudar a minha "imagem" (ficar magro, mais musculado)					
27. A idade dos praticantes é aproximada à minha					
28. Pertença a um grupo com o qual me identifico					
29. Há incentivos à prática desportiva por parte da minha autarquia					
30. Gosto de modalidades individuais					

Obrigado, pela sua colaboração!!

